

NEGACIONISMO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Claudio Gustavo Borges de Aguiar¹ , Patricia Ortiz Monteiro² , Andréia Jayme Batista¹ 

RESUMO

O presente artigo visa problematizar os termos “desinformação e negacionismo climático”, considerando o contexto no qual a desinformação e propagação de *fake news* (notícias falsas) atuam como fatores que contribuem para a polarização da população a respeito da crise climática, impactando as crenças e, conseqüentemente, o comportamento dos cidadãos diante da questão. Para esta análise, foram consideradas matérias publicadas no portal de notícias G1.com, veículo que apresenta grande alcance como meio de comunicação no Brasil, utilizando-se primeiro o descritor “negacionismo”, e logo em seguida três descritores combinados (dois a dois) “negacionismo”, “mudanças climáticas” e “desinformação”. O estudo qualitativo, de natureza descritiva e exploratória, buscou evidenciar as ocorrências de matérias que contenham os termos descritores “negacionismo”, “negacionismo AND mudanças climáticas” e “negacionismo AND desinformação”. Ao longo do estudo, observou-se que o maior volume de matérias que utilizam apenas o termo descritor “negacionismo” estão relacionadas aos dois últimos anos da pandemia de Covid-19. Além disso, entre os resultados encontrados para os dois termos descritores “negacionismo” e “negacionismo AND mudanças climáticas”, observou-se, independentemente do tema tratado na matéria, análises que relacionam o atual governo como o maior agente propagador de desinformação. A evidência de um discurso negacionista climático sinaliza a necessidade de atuação qualificada dos meios de comunicação e de jornalismo para que sejam propagados esclarecimentos científicos, mediante os quais as mudanças climáticas possam ser percebidas e compreendidas em seus aspectos ambientais, sociais, políticos, econômicos e culturais, de forma a impactar positivamente a visão e o comportamento dos cidadãos.

Palavras-chave: Negacionismo; Mudanças Climáticas; *Fake news*; Desinformação; Portal de notícias G1.

DENIALISM AND CLIMATE CHANGE

ABSTRACT

The present article has as its aim to problematize the terms “disinformation and climate denialism”, considering the context in which denialism and fake news propaganda act as contributing factors to the polarization of the population regarding the climate crisis, impacting beliefs and, consequently, citizens’ behavior in face of the issue. For this analysis, news published in the news portal G1.com, a vehicle that has great reach as means of communication in Brazil. By first using the descriptor “denialism” and right after two descriptors combined “denialism AND climate change” (terms were researched in portuguese “Negacionismo” AND “mudanças climáticas”). The qualitative study of descriptive and exploratory nature,

¹ Universidade Estácio de Sá

² Universidade de Taubaté (UNITAU)

Autor Correspondente: Patricia Ortiz Monteiro
E-mail: patyortizmonteiro@terra.com.br

Recebido em 11 de Setembro de 2022 | Aceito em 27 de Outubro de 2022.

sought to highlight news occurrences containing the descriptors “denialism” and “denialism AND climate change”, and “denialism AND disinformation”. Throughout the study it was observed that the biggest amount of news using only the term “denialism” are related to the last two years of the Covid 19 pandemic. Furthermore, among the results found for the two descriptors “denialism” and “denialism AND climate change”, it was observed, regardless of the topic studied, reviews that connect the current government as the biggest disinformation disseminator. The evidence of a climate denialist speech signals the need of qualified acting from the media so that scientific clarification, through which climate change can be perceived and understood in its cultural, economic, political, social and environmental aspects be propagated, in order to positively impact citizens’ behavior and vision.

Keywords: Denialism; Climate Changes; Fake news; Disinformation; News Portal G1.

1. INTRODUÇÃO

Os termos “desinformação e negacionismo climático” remetem à negação das mudanças climáticas, como se as diversas transformações observadas nos fenômenos climáticos não fossem reais e não existissem. Entretanto, essa é apenas uma forma de desinformação a respeito das mudanças climáticas, e o debate sobre esse assunto é bastante complexo e envolve diferentes atores com interesses e perspectivas divergentes sobre o tema, sejam essas perspectivas econômicas, políticas, ambientais ou mesmo de ordem ético-moral.

No âmbito dos interesses políticos, é possível observar o uso de ferramentas e métodos que visam corromper, destruir e deslegitimar o debate sobre as mudanças climáticas, valendo-se de táticas, como, por exemplo, *distract and delay*. Essa tática, que pode ser traduzida como “distrair e atrasar”, tem o intuito de retardar quaisquer formas positivas de ação contra as mudanças climáticas, constituindo-se como narrativas sutis, mas bastante danosas, que negam a existência, principalmente, do aquecimento global (Washington & Cook, 2011). Nessa estratégia, a fim de negar as mudanças climáticas, há o questionamento sobre a integridade dos cientistas que se debruçam sobre o tema e a deslegitimação dos discursos e das pautas ambientalistas, que seriam exageradas e alarmistas, segundo os negacionistas.

Ilustrativo dessa questão é o fato de ter se tornado lugar comum durante anos, as afirmações de que as energias renováveis não funcionariam em escala global, e que, portanto, os esforços para combater as emissões de gases poluentes advindos de fontes de energias não renováveis seria prejudicial à economia global. De acordo com a coalizão voluntária internacional *Conscious Advertising Network*, a desinformação a respeito do aquecimento global se refere a um “...conteúdo enganoso que debilita, enfraquece ou nega a existência dos impactos das mudanças climáticas, a influência humana inequívoca no aquecimento global e a necessidade de ações urgentes de acordo com o consenso científico do IPCC e os objetivos do Acordo Climático de Paris” (*Global Witness*, 2022).

A interpretação, propositadamente errada, de dados científicos, incluindo as omissões e os recortes intencionais, têm o intuito de minar a confiança na ciência, nos especialistas em mudanças climáticas e nas soluções apresentadas por eles. Sobretudo nos últimos 5 anos, essas falsas interpretações têm gerado graves consequências, desde a eleição do Presidente Donald Trump, nos Estados Unidos, e sua saída do acordo de Paris¹, acompanhado do crescimento da extrema direita na Europa. Segundo Ferreira (2020), o uso massivo de informações falsas tem influenciado eleições e a política no mundo todo. No caso brasileiro, as pesquisas indicam que as chamadas *fake news* influenciaram significativamente as eleições de 2018 e estão intima-

1 O Acordo de Paris é um tratado mundial que possui como objetivo reduzir o aquecimento global e foi discutido por 195 países durante a COP21, em Paris. O compromisso internacional foi aprovado em 12 de dezembro de 2015 e entrou em vigor, oficialmente, no dia 4 de novembro de 2016.

mente ligadas à ascensão da extrema-direita no campo político. Ao se analisar o fenômeno das *fake news* sob o viés filosófico, sociológico e da ciência política, é possível observar que tais tipos de comunicação ocorrem em um ambiente de obtenção do que Gramsci chamou de consenso. As pesquisas indicam que a desinformação e as *fake news* a respeito do clima são os fatores que mais contribuíram para a polarização da população mundial a respeito da crise climática, moldando as atitudes dos cidadãos (Kolmes 2011; Vargas, 2020; Lewandowsky 2021).

Independente do motivo que faz o negacionismo manifestar-se, o problema maior da negação da realidade é que ela produz novas versões com interpretações subjetivas muitas vezes danosas à sociedade. Essa negação pode ser intencional e caracteriza um método de manutenção de interesses que pode produzir efeitos danosos sobre os cidadãos, que nos tempos atuais tem ocupado o noticiário, procurando sequestrar o debate através da divulgação de “fatos alternativos” (Cardoso, 2021).

A desinformação é um grave problema que tem afetado a sociedade contemporânea, e o fenômeno de difusão de *fake news* se torna ainda mais problemático ao destacarmos o preponderante papel das *Big Techs* (termo em inglês utilizado para se referir a grandes empresas de tecnologia) na difusão e na amplificação da desinformação climática nas mídias sociais. As plataformas *Big Techs* encorajam a difusão de conteúdos extremos e incompatíveis com a verossimilhança, sendo eficazes nas formas de isolamento dos indivíduos em bolhas e filtros nos quais eles não têm acesso à informação imparcial e científica, retroalimentando a visão de mundo que esses atores buscam consumir nos vídeos, nas publicações e nos textos que acessam e compartilham.

Considerando esse cenário, o impacto é notório: as soluções climáticas são contestadas, obscurecidas e criticadas duramente, tornando custoso e difícil para os atores, ambientalistas e cientistas serem ouvidos.

A ciência que parte de pressupostos verificáveis, precisa da confiança de todos, assim como a motivação e a urgência de protegermos o planeta. O ano de 2021, de acordo com o *noah.gov* (Agência Meteorológica Estadunidense) registrou, somando as médias de temperatura no mundo todo, o mês mais quente da história já registrado no planeta (somadas a temperatura da superfície do oceano e da terra), inundações jamais vistas na Europa, além de ondas de calor no Oceano Pacífico, que causaram danos irreparáveis a todos os seres vivos.

2. EMERGÊNCIA CLIMÁTICA E NEGAÇÃO: UMA VERTENTE POLÍTICA

Todos os dias, os seres humanos despejam 162 milhões de toneladas de poluição na atmosfera, ameaçando à vida do planeta. A poluição por carbono oriunda da queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural) está aquecendo o planeta e impulsionando as mudanças climáticas, desequilibrando os sistemas naturais com efeitos devastadores, como as ondas de calor, os incêndios florestais, as enchentes, as chuvas torrenciais, as rigorosas secas, entre outros. As populações socialmente mais vulneráveis são as mais expostas aos impactos climáticos, principalmente as que vivem em áreas de risco e que, na maioria das vezes, representam os grupos menos diretamente responsáveis por danos ambientais que caracterizam a crise climática (IPCC, 2022).

O ano de 2021 registrou inúmeros impactos climáticos, com grande devastação ambiental e crise para milhares de pessoas no mundo. A figura 1 apresenta alguns destaques desses impactos climáticos, ocasionados por ondas de calor, inundações, incêndios, seca, furacões e tufões ao redor do mundo.

Figura 1. Recordes Climáticos de 2021.

Impactos Climáticos	Data	Cidades/Estados /Países e/ou Grandes Regiões	Eventos	Observações
Ondas de calor	Julho de 2021	Death Valley, Califórnia	Quebrou o recorde de temperatura mais quente registrada na Terra em 54,4 ° C.	A onda de calor de 2021 foi o evento de calor extremo “mais anômalo” que os cientistas estudaram. Essa onda de calor elevou as temperaturas em muitos habitats costeiros rochosos para mais de 50°C (122°F) e, como resultado, mais de um bilhão de animais à beira-mar morreram.
	2021	Canadá	Novo recorde histórico de temperatura de 49,6°C.	
	Junho de 2021	Irã, Kuwait, Omã e Emirados Árabes Unidos	A temperatura ultrapassou 50º C em, pelo menos, 4 países.	
Inundações	2021	Canadá	Desastre natural mais caro da história do país, custando cerca de US\$ 7,5 bilhões.	As mudanças climáticas tornaram as chuvas e inundações extremas mais prováveis e intensas.
	Julho 2021	Henan, China	Mais de 300 pessoas morreram devido à pior chuva em pelo menos 1000 anos.	
	Maio	Brasil	Quase meio milhão de pessoas foram afetadas por enchentes.	
	Três anos consecutivos, incluindo o ano de 2021	Sudão do Sul	Piores inundações em 60 anos afetaram 780.000 moradores.	
Incêndios	2021	Rússia	Incêndios florestais na Rússia destruíram mais de 18,16 milhões de hectares de floresta.	As mudanças climáticas criam condições quentes e secas que aumentam e prolongam a atividade do fogo no mundo todo.
	2021	Oregon e Califórnia, EUA	Mais de 400.000 acres queimados em Oregon e meio milhão de acres queimados, na Califórnia.	
	Agosto de 2021	Turquia	Perdeu 1.600 Km2 de florestas, com 130 incêndios florestais.	
	2021	Grécia	Queimaram 110.000 ha de florestas, o que corresponde a 5 vezes a média de 2008 a 2020.	

Furacões e Tufões	Maio de 2021	Ciclone tropical Tauk-tae, oeste da Índia	Ele causou pelo menos 122 mortes e estima-se que tenha causado mais de US \$ 2 bilhões em danos.	O aquecimento global está aumentando a temperatura dos oceanos em todo o mundo, resultando em tempestades mais fortes e destrutivas.
	2021	Furacão Ida, EUA	Matou 91 pessoas e seus danos foram estimados em US\$ 95 bilhões.	
Seca	2021	Madagascar	O país vive sua pior crise em 40 anos e 1,14 milhão de pessoas estão em situação de insegurança alimentar e precisam de ajuda emergencial.	O aquecimento global está causando secas mais profundas e prolongadas, expondo um número crescente de pessoas em todo o planeta a condições perigosas, como insegurança alimentar e escassez de água potável.
	2021	Centro e o sul do Brasil	É a pior seca em quase um século.	
	Dezembro de 2021	EUA	Aproximadamente 80% do oeste dos EUA estava em seca severa.	

Fonte: Adaptado pelos autores de Rojas, 2021.

Segundo relatório do órgão ambiental *National Centers for Environmental Information – NCEI* (Centro Nacional para Informação Ambiental) do *National Oceanic and Atmospheric Administration - NOAA* (Administração Nacional Oceânica e Atmosférica), nos Estados Unidos, a distribuição de danos decorrentes de desastres com prejuízos de bilhões de dólares, no período entre 1980 e 2022, é dominada por perdas oriundas, principalmente, de ciclones tropicais (Billion-dólar..., 2022). Os ciclones tropicais causaram os maiores danos (US\$ 1.194,4 bilhões) e têm o maior custo por evento (US\$ 21,0 bilhões por evento), sendo também os responsáveis pelo maior número de mortes (6.708), seguidos por seca e ondas de calor (4.139) e tempestades severas (1.980). Em termos de prejuízos financeiros, outros eventos como as secas (US\$ 300,1 bilhões), as tempestades severas (US\$ 365,3 bilhões) e as inundações (US\$ 173,7 bilhões) também causaram danos consideráveis.

Os eventos extremos custaram caro aos Estados Unidos e, além dos custos relativos aos desastres naturais que são óbvios, mas os republicanos conservadores, em 2021, ainda se recusavam a conectar explicitamente o aquecimento global com o que está acontecendo no país. Os republicanos são mais propensos a apresentar políticas sobre “desenvolvimento”, “mitigação de desastres” ou “resiliência”, em vez de adaptação climática (Kahn et al, 2021).

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) foi criado em dezembro de 1988 pela Organização Meteorológica Mundial e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Ele é um comitê composto de centenas de cientistas do mundo inteiro, escolhidos pelos governos, com a missão de avaliar periodicamente o estado da arte do conhecimento científico sobre as mudanças do clima. Essas avaliações são publicadas periodicamente, na forma dos chamados Relatórios de Avaliação.

O IPCC divulgou um novo relatório em 2022, que revela como as pessoas e o planeta estão sendo atingidos pelas mudanças climáticas, e alerta sobre a urgência da *transição energética e da adaptação às mudanças climáticas* “...sob o risco de enfrentarmos um futuro de tempestades, ondas de calor e muito mais que infligirão sofrimento inconcebível aos pobres e vulneráveis do mundo” (IPCC, 2022).

As principais conclusões do relatório do IPCC de 2022 sobre mitigação das mudanças climáticas explicitam que: as emissões globais continuam aumentando, mas para limitar o aquecimento a 1,5°C, é preciso controle para que elas parem de crescer até 2025; não há espaço para novas infraestruturas baseadas em combustíveis fósseis; as transformações precisam ser rápidas em todos os setores para evitar os piores impactos climáticos; são necessárias mudanças de comportamento e estilo de vida na mitigação das mudanças climáticas; manter o aumento da temperatura global dentro do limite de 1,5°C será impossível sem remoção de carbono; e o financiamento climático para a mitigação deve ser de 3 a 6 vezes maior até 2030 para limitar o aquecimento global a 2°C. Portanto, o último relatório do IPCC (2022) deixa claro que manter o aumento da temperatura global em 1,5°C ainda é possível, mas apenas se as ações foram imediatamente tomadas.

Apesar da realidade da crise climática estar sendo discutida pela ciência e sentida por todos, ainda existem pessoas, líderes e grupos que se negam a enxergar os dados e perceber os impactos climáticos antrópicos. Em geral, a identidade política, religiosa ou étnica de uma pessoa afeta a sua disposição para aceitar a opinião de um especialista sobre um determinado assunto (Rojas, 2021).

Como cita avalia Westervelt, no Jornal *Washington Post*:

na década de 1990, as empresas petrolíferas, os grupos comerciais da indústria de combustíveis fósseis e suas respectivas empresas de relações públicas começaram a posicionar cientistas contrários como especialistas cujas opiniões sobre as mudanças climáticas deveriam ser consideradas iguais e opostas aos dos cientistas do clima. (Westervelt, 2019).

Nos tempos atuais, diferentes termos vêm se tornando comuns na língua portuguesa, entre os quais é possível destacar a palavra negacionismo, que ganhou contornos políticos próprios e relevantes nas discussões sobre meio ambiente e mudanças climáticas. Assim, de acordo com o dicionário *on-line* de Português, negacionismo se refere à “ideologia da pessoa que nega ou não aceita um fato comprovado e documentado, analisando esse fato com argumentos ou pontos de vista sem fundamentos históricos” (Negacionismo, 2022). No que concerne ao uso do termo “negacionismo científico” em contextos políticos, vale destacar o exposto por Miguel (2022, p. 295-296) quando afirma que “o negacionismo científico seria o produto de circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal.”

No Brasil, como um exemplo dos efeitos perversos do negacionismo, podemos citar os que foram sentidos durante a Pandemia de COVID-19 (**SARS-CoV-2**), pois durante esse acontecimento, inclusive em suas fases estatisticamente mais drásticas, houve uma verdadeira avalanche de *fake news* sobre a vacinação. Considerando que propagação das *fake news* está atrelada às publicações e às falas de algumas personalidades e líderes políticos e religiosos que exercem influência sobre o pensamento e o comportamento da população, por exemplo, é possível ilustrar o caso do negacionismo em relação à eficácia da vacina com trecho extraído do discurso do atual Presidente da República do Brasil: “... lá no contrato da Pfizer, está bem claro, nós [a Pfizer] não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu” (Bolsonaro..., 2020). Assim, a fala deselegante e com tom jocoso do líder da nação, em um momento difícil no qual o Brasil atingia 185 mil vidas perdidas, suscitou ainda mais as suspeitas sobre a eficácia e os possíveis efeitos colaterais da vacina, o que intensificou o negacionismo em relação às descobertas e às orientações científicas sobre a pandemia.

Evidentemente, esse é apenas um dos inúmeros exemplos de negacionismo, e suas sérias consequências. No que se refere ao negacionismo climático, tema deste artigo, concorda-se com Miguel (2022, p. 296) quando ele afirma que é preciso “investigar o negacionismo com base nos acontecimentos, dirigindo um olhar para a história, com o objetivo de identificar diferentes momentos nos quais o negacionismo climático tenha desempenhado papéis possivelmente distintos.”

Existem dois conceitos desenvolvidos no âmbito da Psicologia que ajudam a explicar as razões que levam as pessoas a negar a crise climática: o Viés de confirmação e o Efeito *Backfire*. No Viés de confirmação, uma vez que a pessoa tem uma opinião e já se decidiu por ela, a pessoa se torna preocupada apenas em obter argumentos e recursos para embasar sua opinião e fazer que todos concordem com ela. E mesmo que argumentos que atestem o contrário sejam mais críveis, mais embasados e em maior número, ainda assim são negligenciados, negados e descartados.

O viés de confirmação emerge no cotidiano humano, nos diferentes campos sociais, profissionais e científicos. Muitas pesquisas acadêmicas são estudos maculados a priori por um forte viés de confirmação, nos quais todos os argumentos convergem para um único fim: comprovar a validade da hipótese preferida do pesquisador, o qual a defende como se fora um “cliente em apuros” (Bedê & Sousa, 2018, p. 786).

Portanto, é assim que funciona o viés de confirmação: seleciona-se somente as evidências que reforçam os argumentos a favor e exclui-se as evidências contrárias.

O Efeito *Backfire* foi proposto originalmente por Brendan Nyhan e Jason Reifles em 2010, e as suas pesquisas ainda estão em andamento. Na língua portuguesa, *backfire* pode ser traduzido pela expressão “tiro pela culatra” e ilustra bem o que a teoria quer dizer. Com efeito, o que fica evidente na pesquisa de Nyhan e Reifles é que é improvável vencer um debate *online*. A partir do momento que um dos lados começa a dispor de fatos, gráficos e imagens, *hiperlinks* e citações, o oponente tende a passar a se sentir cada vez mais seguro de sua posição oposta, chegando a tal ponto que se sente mais certo e firme em sua argumentação do que antes do debate ter sido iniciado. Essencialmente, o efeito de tiro pela culatra significa que mostrar às pessoas evidências que provam que elas estão erradas, geralmente é ineficaz e pode realmente acabar tendo o efeito contrário do desejado, fazendo com que elas rejeitem informações que contradizem suas crenças ou interpretem informações de maneira a terem suas crenças confirmadas.

Há negacionistas de todo tipo e que possuem diferentes propósitos, mas de modo geral, eles se opõem publicamente a determinados conhecimentos ou fatos e espalham desinformação visando a assunção de certos objetivos. Segundo Cardoso (2021, p.8):

...no fundo, o negacionismo, a negação irracional, o revisionismo e o obscurantismo são simplesmente um subconjunto das muitas maneiras que os humanos desenvolveram para usar a linguagem para enganar os outros e a si próprios. A negação pode ser tão simples quanto recusarmos a aceitar que outra pessoa está falando a verdade e tão insondável quanto às várias maneiras pelas quais evitamos reconhecer nossas fraquezas e desejos secretos... (Cardoso, 2021, p.8)

No Brasil, a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República, nas eleições de 2018, foi vista como duvidosa em relação às questões climáticas. Os analistas concluem que, em sua gestão, foi desconstruída a política ambiental em voga no Brasil, que havia demorado décadas para ser construída, com esforço de inúmeros atores. O governo da Presidência da República entre os anos de 2019 e 2022 deixou rapidamente transparecer sua proposta de gestão ambiental ao adotar o negacionismo como estratégia que possibilitou “o fortalecimento de um discurso que aponta as políticas ambientais como entraves ao desenvolvimento do país” (Araújo & Campos, 2022, p. 142).

De acordo com Araújo e Campos (2022), a referida política governamental de negação dos problemas ambientais responde aos interesses de parte dos eleitores de Jair Bolsonaro que estavam ligados ao agronegócio. Procedendo-se, assim, a uma desconstrução de políticas implementadas.

Apesar de a aglutinação dos dois ministérios não se ter efetivado formalmente, a agenda de desconstrução das políticas ambientais mostrou-se intensa desde os primeiros momentos do novo governo. No dia de sua posse, Bolsonaro nomeou Ricardo Salles para o cargo de ministro do Meio Ambiente. Salles não possuía

nenhum conhecimento técnico sobre a pauta ambiental, mas chegou ao governo por pressões de figuras ligadas ao setor ruralista, que haviam apoiado Bolsonaro na campanha. O ministro passou a atuar como ventríloquo daqueles interesses, buscando meios de enfraquecer a fiscalização e deslegitimar aos organismos de controle do desmatamento ilegal na Amazônia, como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - Inpe (Araújo & Campos, 2022, p. 142)

Não se pode deixar de citar que o Ministro Ricardo Salles foi o autor da reveladora expressão que representava a intenção do governo em relação às pautas ambientais: “passar a boiada”. Com esta fala, fica evidenciado que o atual governo federal, representado pelo Ministro, investiu em um discurso ideológico de negação do desmatamento e de outros impactos ambientais, que foram delineados pelo governo como empecilhos ao desenvolvimento econômico do país. Dessa forma, objetivou atuar no desmonte de políticas de preservação de terras indígenas, exploração mineral predatória, além de desestabilizar as lutas para defender o desenvolvimento sustentável, entre outras pautas relevantes para conter a crise ambiental.

Miguel (2022) ressalta, porém, que o negacionismo ambiental não teve início no atual governo, pois é reflexo de um contexto histórico mais abrangente. Segundo o autor (2022), é preciso entender que as questões ambientais começaram a ser discutidas a partir da década de 1970, já com as pautas aquecimento global e efeito estufa, entre outros problemas que o descaso com o meio ambiente vinha provocando, mas foi apenas nos anos de 1990 que se intensificaram os encontros das grandes nações para discutir o tema. Como produtos desses encontros, resultaram importantes documentos internacionais como o Protocolo de Kyoto², e no Brasil, a Política Nacional sobre Mudanças do Clima (PNMC). Essa Política, promulgada em 2009 na gestão do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, representou uma ação ousada frente ao desmatamento da floresta amazônica, que também era muito significativo naquele momento.

Mann (2021) alega que as “cartilhas de negação” foram escritas há mais tempo, e que essa história iniciou há mais de um século, citando que a indústria de combustíveis fósseis aprendeu como fazer seu *lobby* contra as mudanças climáticas a partir do pior exemplo: a indústria das armas. O *lobby* desse setor foi forte na década de 1920 e estava pautado no slogan: “armas não matam pessoas, pessoas matam pessoas”. Dessa forma, os *lobbistas* desviavam a atenção dos problemas do acesso facilitado às armas, dos tiroteios em massa e da maneira como a violência estava sendo representada na mídia.

Até o ano de 2007, o Brasil apontava como liderança na defesa da implementação de ações de mitigação dos efeitos do aquecimento global e das mudanças climáticas, mas, a partir dessa data, justamente no ano em que as mudanças climáticas se tornaram um tema de grande atenção internacional e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) publicava o primeiro estudo brasileiro com cenários de impactos das mudanças climáticas para o país (INPE, 2007), diversos jornais brasileiros deram voz a opiniões contrárias, que negavam a crise ambiental. O escritor Olavo de Carvalho foi uma das pessoas que ganhou espaço e representou a propagação de discursos negacionistas das mudanças climáticas, afirmando que tudo se tratava de “trapaça” e associando o aquecimento global a uma “militância esquerdista” infiltrada nos organismos internacionais, como é possível observar em um texto do escritor, publicado ainda em 2007:

A mobilização mundial para dar ares de verdade científica final à impossível teoria da origem humana do aquecimento global adquire dia a dia mais força, alimentada pela santa aliança da mídia chique, dos organismos internacionais, da militância esquerdista organizada e das grandes fortunas - os quatro pilares da estupidez contemporânea. (Carvalho, 2007)

Com o uso das ferramentas de comunicação via *Internet*, o negacionismo climático se popularizou através de plataformas de vídeos como *YouTube*, blogs e redes sociais, que hoje se tornaram estratégias potentes

2 Protocolo de Kyoto: Acordo ambiental fechado durante a 3ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada em Kyoto, Japão, em 1997.

para o crescimento e a disseminação da desinformação. Justamente em virtude das questões ambientais terem entrado na pauta mundial é que, o negacionismo climático inicia, mesmo tendo sido publicado pelo IPCC/AR4 (Quarto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre mudanças climáticas), ainda em 2007, que o aquecimento da temperatura da Terra é inequívoco.

Apesar disso, verifica-se que os discursos negacionistas tem ganhado força, sendo então necessária a compreensão de tal fenômeno, que desponta como algo que vai além de simplesmente negar a ciência, mas que parece constituir-se, sim, de uma estratégia do modelo de desenvolvimento centrado no capital, contra um modelo de governabilidade amparado na sustentabilidade e em políticas que verdadeiramente promovam o bem-estar social, a qualidade de vida e o desenvolvimento de forma responsável.

Comforme Boykoff e Roberts afirmam (2007), a mídia assume uma difícil posição no contexto das sociedades capitalistas, pois ao mesmo tempo em que se apresenta como força vital e responsável por problematizar e tematizar o assunto das mudanças climáticas e combater o negacionismo, depende de uma imensa quantidade de comerciais para se manter como uma operação economicamente viável e pagar os salários de seus colaboradores. Soma-se a isso o fato de que os maiores anunciantes são montadoras de automóveis, incorporadoras imobiliárias, companhias aéreas e até mineradoras. Ou seja, para fomentar o discurso a respeito da urgência da mitigação das emissões que contribuem para as mudanças climáticas, essa mesma mídia teria que, repetida e insistentemente, chamar a atenção para a necessidade de mudanças verdadeiramente revolucionárias na sociedade, que poderiam culminar em incentivos para que os consumidores de suas notícias passassem a evitar o consumo de determinados produtos, inclusive, alguns dos quais produzidos por seus anunciantes.

2. O QUE DIZ O PORTAL BRASILEIRO DE NOTÍCIAS G1...

O veículo de comunicação G1, que está no endereço eletrônico <https://g1.globo.com/> é um portal brasileiro de notícias, mantido pelas Organizações Globo e que tem a orientação da Central Globo de Jornalismo. Inaugurado em 18 de setembro de 2006, funciona como um *Hub* de notícias, centralizando e disponibilizando o conteúdo de diversas empresas do Grupo Globo como o Jornal Extra, Jornal O Globo, Valor Econômico, Revista Época, Globo Rural, Canal Globonews etc. Além de reportagens de suas afiliadas como, por exemplo, TV liberal (do estado do Pará), TV Mirante (do estado do Maranhão), Rede Amazônica (no Amazonas), etc. As reportagens próprias, de afiliadas ou de veículos de comunicação do Grupo Globo variam em formatos de texto, áudio e vídeo.

O portal G1 possui cinco redações próprias situadas nas seguintes capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Recife. Ao longo das 24 horas do dia, há atualização dos conteúdos, atingindo a mais de 55 milhões de usuários por mês, segundo a *Comscore* (Sobre o G1, 2022).

Para efeito da análise aqui proposta, foram pesquisadas matérias jornalísticas no endereço eletrônico do Portal G1.com utilizando estratégias de busca. Primeiro, procurou-se apenas conteúdo que contivesse o descritor “negacionismo”, depois optou-se pela combinação de dois descritores “negacionismo e mudanças climáticas”. Para ambos os momentos de busca, foram definidos dois períodos diferentes: o período de 01/06/2022 a 25/08/2022 (dois meses) e o período de 1/06/2019 a 1/06/2022 (três anos), e apresentados resultados dos dois recortes de tempo para fins de comparação e contextualização.

No período de 01/06/2022 a 25/08/2022 (dois meses) não foram encontrados resultados utilizando a combinação de descritores (negacionismo e mudanças climáticas). Entretanto, quando se utilizou apenas o descritor “negacionismo”, foram encontradas 30 reportagens no período. Observou-se, portanto, que apenas ao longo de dois meses do ano de 2022, no Brasil, houve publicações de temas prementes como o negacionismo

anti vacina, negacionismo eleitoral, negacionismo científico em relação à Covid 19, e até mesmo o negacionismo sobre a derrota de Donald Trump nas eleições de 2020, ainda ocupando a pauta das reportagens do Portal G1. Uma hipótese que poderia ser considerada para explicar a escassez de conteúdo relativo ao negacionismo climático é o fato de que as eleições para o Executivo e Legislativo Federal e Estadual se aproximam no país, intensificando o clima acirrado da política brasileira, sem deixar espaço para reportagens a respeito do negacionismo climático no período pesquisado, uma vez que esta questão pode ser considerada como pano de fundo a longo prazo.

A única reportagem, encontrada nesta busca combinada de descritores no período entre 01/06/2022 e 25/08/2022, que trata do negacionismo climático é uma matéria da BBC News feita por Jane McMullen e traduzida para o português. Nesta reportagem, a jornalista faz uma investigação sobre o midas das relações públicas ambientais E. Bruce Harrison, que, a partir dos anos 90 e logo após a RIO 92 (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento), foi responsável por dar início a uma série de estratégias de marketing voltadas ao negacionismo ambiental. Como exemplo, podem ser lembradas as extensas campanhas na imprensa com o intuito de destilar incertezas e descredibilizar novas iniciativas contra o aquecimento global, inclusive cooptando cientistas negacionistas argumentar em prol do posicionamento que negava o aquecimento global. Esses cientistas recebiam até US\$1,5 mil por texto e artigos de opinião contrários à maioria dos cientistas que postulavam que as mudanças climáticas eram efeitos da ação antrópica sobre o ambiente.

Ao se pesquisar, isoladamente, o descritor “Desinformação”, com o intuito de refinar a pesquisa, esse volume aumenta para apenas 171 reportagens e, novamente, o tema dominante (que representa 95% do total de conteúdo) é voltado à questão eleitoral. Não houve registro de nenhum tipo de conteúdo sobre desinformação concernente às mudanças climáticas, ao aquecimento global ou temáticas correlatas.

Ao ampliar a pesquisa de conteúdo para o período compreendido entre 01/06/2019 e 01/06/2022, inicialmente submetendo à busca apenas conteúdo que contivessem o termo descritor “mudanças climáticas”, foram encontradas 550 reportagens. Refinando a pesquisa, a partir da combinação dos dois descritores “negacionismo AND mudanças climáticas”, apenas a reportagem traduzida da BBC News (já citada anteriormente) aparece na busca. Apesar disso, submetendo o único descritor “negacionismo”, no mesmo período de três anos, 600 reportagens foram encontradas, (porém a respeito do negacionismo climático/ambiental – apenas 10 em todo o período pesquisado) entre *podcasts*, reportagens de outras afiliadas e traduções de conteúdos das agências de notícias (*Reuters*, *BBC News*, *CNN*), pois o Portal G1 funciona como um grande *hub* centralizador de notícias.

Vale destacar alguns pontos interessantes na pesquisa: entre os meses de setembro e outubro de 2020, foram publicadas 5 matérias a respeito do negacionismo ambiental; no período de 01/09/2020 a 21/09/2020, momento marcado por uma série de incidentes com queimadas sem precedentes na Amazônia, foram encontradas 10 matérias sobre o tema negacionismo ambiental, sobretudo focando na disseminação das *fake news* pelo governo federal brasileiro e sua recusa em confirmar o que estava, de fato, ocorrendo no norte do País.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise climática está fortemente conectada aos padrões globais de desigualdade. As pessoas mais vulneráveis são as que mais sofrem os impactos da crise climática, ainda que sejam as que menos contribuem, diretamente, para o agravamento da crise. À medida que os impactos da crise escalonam, milhões de pessoas vulneráveis encaram desafios desproporcionais em termos de eventos extremos, com impactos diretos na

saúde, na insegurança alimentar, na insegurança habitacional, na falta de água potável e na necessidade de remoções de famílias e comunidades inteiras de áreas de risco.

Isto posto, entende-se que certos grupos sociais são ainda mais vulneráveis à crise, por exemplo mulheres, crianças, pessoas com deficiência, idosos, indígenas, minorias étnicas, imigrantes, a comunidade LGBTQIAP+ e outros grupos socialmente marginalizados. A raiz das causas dessas vulnerabilidades está em uma combinação de suas localizações geográficas globais, suas classes sociais, seus status sociais, culturais e identitários.

Apesar de muito avanço científico ter sido feito nos últimos anos, o maior desafio é convencer a população que não entende ou nega as mudanças climáticas de que essa é uma realidade, trazendo para junto daqueles que lutam pelas mudanças. O sucesso no futuro depende de como a crise climática é enfrentada hoje. Isso requer transparência, acesso à informação, maior engajamento, criação de coalizões de apoio para tirar da inércia política e comportamental os que tem poder de ação. É urgente, portanto, a democratização da discussão das mudanças climáticas. O último relatório do IPCC reconhece o valor das mais diversas formas de conhecimento sejam elas científicas, indígenas e locais na construção da resiliência climática.

No Brasil, em especial a partir de 2018, com a ascensão da extrema direita ao poder, o negacionismo climático somado ao negacionismo em relação à pandemia do Covid 19 tomou proporções jamais vistas, uma vez que esteve e está apoiado na disseminação de *fake news* através das redes sociais e de disparos de mensagens em massa através de aplicativos de mensagens como Telegram e *WhatsApp*. No período pesquisado, no Portal G1.com, observou-se que o conteúdo sobre negacionismo apresentava como tema dominante, entre os anos de 2019 e 2022, a pandemia de Covid-19, além de outros conteúdos a respeito do negacionismo climático, mas no geral, todos os conteúdos citavam o atual governo e seus técnicos (Ministros) como o principal propagador de desinformação, razão pela qual se expõe, mais uma vez, o caráter político do negacionismo.

As pesquisadoras Loose e Balbé (2020), ao fazerem uma análise sobre a pandemia de Covid-19 e a pauta ambiental nos sites G1 e SIC (Portugal) verificaram uma fragmentação de temas e subtemas que dificultaram a compreensão do todo. Conforme as autoras, foram raras as vezes que ambas as crises foram apresentadas de forma conectada, ainda que o mundo estivesse passando por um conjunto “policrísico”, jornalisticamente essas crises apareciam de forma desconectada.

A hipótese aqui destacada parte do pressuposto segundo o qual as mudanças climáticas estão diretamente ligadas aos paradigmas universais de desigualdade e que, apesar de tantos progressos científicos, o negacionismo é um fato que dificulta as lutas e os esforços em busca de melhorias que possam atingir a todos, e em especial os grupos socialmente marginalizados.

As ações devem ser fruto de um processo participativo que atenda aos anseios de toda a sociedade, considerada em suas particularidades no que se refere às dimensões de classe, raça e gênero, por exemplo. Tais ações podem contribuir para a implantação e a consolidação de estratégias voltadas para a compreensão e o controle das mudanças climáticas, visando a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e responsável, em um contexto de políticas públicas, valores e ações orientadas pelo imperativo socioambiental.

REFERÊNCIAS

Araújo, B.; Campos, F. S. S. (2022) Populismo Autoritário e Meio Ambiente no Brasil: Enquadramentos do discurso antiambiental de Jair Bolsonaro em editoriais nacionais e internacionais. *Media & Jornalismo*. N. 40, vol. 22, n.1. Recuperado de: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/714/299>.

Bedê, F. S.; Sousa, R. S. de. (2018) Por que a área do direito não tem cultura de pesquisa de campo no Brasil? *Revista Brasileira de*

Políticas Públicas, Brasília, v. 8, n. 1, p. 781-79. Recuperado de: https://www.direitorp.usp.br/wp-content/uploads/2022/03/Proj4_texto4.pdf.

Big Techs. *Collins COBUILD Advanced Learner's Dictionary*. HarperCollins Publishers 2016.

Billion-Dollar Weather and Climate Disasters (Desastres climáticos em bilhões de dólares – tradução livre) (2022). *Centros Nacionais de Informações Ambientais da NOAA (NCEI)* Recuperado de: <https://www.ncei.noaa.gov/access/billions/summary-stats/US/2012-2021>.

Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: ‘Se você virar um jacaré, é problema seu’. (2020, 18 de dezembro). Isto é. Recuperado de: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-vice-um-jacare-e-problema-de-voce/>.

Boykoff, M. T., & Roberts, J. T. (2007). Media coverage of climate change: Current trends, strengths, weaknesses. *Human development report*, 2008(3), 1-53. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/228637999_Media_coverage_of_climate_change_Current_trends_strengths_weaknesses.

Cardoso, J. E. M. (2021). *Negacionismo?!* Edição do Kindle.

Carvalho, O. (2007, 21 de maio), Ciência ou Palhaçada. *Jornal Diário do Comércio*. Recuperado de: <https://olavodecarvalho.org/ciencia-ou-palhacada/>.

Climate denial: why it happens and what to do about it (2022, 3 de fevereiro). *The Climate Reality Project*. Recuperado de: <https://www.climateRealityProject.org/blog/climate-science-denial-why-and-what-to-do-about-it>.

Fake news (2022). Dicio – *Dicionário online de Português*. Recuperado de: <https://www.dicio.com.br/fake-news/>.

Ferreira, L. A. (2020). Fake News em tempo de Eleições. [Monografia de Bacharelado, Unievangélica, Anápolis] Recuperado de: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/16880/1/Monografia%20-%20LETICIA%20AGUIAR.pdf>.

G1. (2022). Globo Comunicação e Participações SA. Recuperado de: <https://g1.globo.com/>.

IPCC (2022). Sixth Assessment Report, Climate Change 2022: Mitigation of Climate Change. Cambridge University Press, Cambridge, Reino Unido e Nova York, NY, EUA. Recuperado de: <https://www.unep.org/pt-br/resources/relatorios/mudanca-climatica-2022-mitigacao-da-mudanca-climatica-contribuicao-do-grupo-de>.

Kahn, D.; Ritchie, B. Rivard, Ry; Lee, M. (2021, 23 de novembro). Don't call it climate change. Red states prepare for 'extreme weather'. *Politico*. Recuperado de: <https://www.politico.com/states/california/story/2021/11/23/adapting-to-climate-is-a-winning-issue-for-politicians-even-in-red-states-1394620>.

Lewandowsky, S (2021). Climate Change Disinformation and How to Combat It. *Annual Review of Public Health*. 42:1. Recuperado de: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-publhealth-090419-102409>

Loose, E. B.; Balbé, A. D. Cobertura Ambiental durante a pandemia no Brasil e em Portugal: explorando crises e (des)conexões. (2020) *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*. N. 144, agosto – noviembre 2020. Recuperado de: <https://revista-chasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4282/3329>.

Mann, M. E. (2021). *The new climate war: the fight to take back our planet*. New York: PublicAffairs.

Miguel, J. C. H. (2022). A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*. V. 37, n. 1. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/se/a/wCDHY4RdNWSBZC5m6Q7fpBx/?lang=>

Negacionismo (2022). Dicio – *Dicionário online de Português*. Recuperado de: <https://www.dicio.com.br/negacionismo/>.

Rojas, Diego. (2021, 22 de dezembro). The Climate Impacts we saw. *The Climate Reality Project*. Recuperado de: <https://www.climateRealityProject.org/blog/climate-impacts-we-saw-2021>.

Sobre o G1. (2022). Globo Comunicação e Participações SA. Recuperado de: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>.

Steven A. Kolmes (2011) Climate Change: A Disinformation Campaign. *Environment: Science and Policy for Sustainable Development*, 53:4, 33-37, DOI: 10.1080/00139157.2011.588553. Recuperado de: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00>

139157.2011.588553

Vargas, I. M. (2020): Fakenews e política: A influência da pos-verdade na ascensão da extrema-direita. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*.

Washington, H., & Cook, J. (2011). *Climate change denial: heads in the sand*. New York: Taylor & Francis.

What is climate disinformation? (2022, 27 de maio). *Global Witness*. Recuperado de: <https://www.globalwitness.org/en/blog/what-climate-disinformation/>.

Westervelt, A. (2019, 10 de janeiro). How the fossil fuel industry got the media to think climate change was debatable. *The Washington Post*. Recuperado de: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2019/01/10/how-fossil-fuel-industry-got-media-think-climate-change-was-debatable/>.